

PRIMEIRO
Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas
públicas do Estado de
Santa Catarina.

NOVA EDIÇÃO,

posta de acôrdo com a ortografia oficial

(Decretos-leis federais n. 292, de 23 de fevereiro de 1938,
e n. 5.186, de 13 de janeiro de 1943)

TIP. LIVRARIA CENTRAL

de

ALBERTO ENTRES

CAIXA POSTAL, 131

FLORIANÓPOLIS

1945

FCC
00018512 - 4

PRIMEIRO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas
públicas do Estado de
Santa Catarina.

5C/02
372.24
F683/p
151

Nova edição posta de acôrdo com
a ortografia oficial

(Decreto n. 14.533 — de 18 de Janeiro de 1944).
(Promulga a Convenção Ortográfica entre o Brasil e
Portugal).

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
CAIXA POSTAL, 131
FLORIANÓPOLIS

PRIMEIRO

Centro de Leituras

| Biblioteca Pública do Estado FLORIANÓPOLIS | |
|---|---------|
| Reg. no | Data |
| 10804 | 27-9-74 |



Prefácio da 1.^a edição

Não foi a falta de bons livros de leitura que me levou a propor ao exmo. sr. dr. Hercílio Luz a impressão por conta do Estado da presente série de livros escolares.

A causa d'êste empreendimento foi a falta de livros de custo módico, de livros que, podendo ser adquiridos sem sacrifício pelos remediados, possam também, à larga, ser distribuídos gratuitamente entre aqueles para quem alguns tostões representam quantia apreciável.

Empenhando-se o Estado em tornar efetivas as leis que promulgou sobre a obrigatoriedade do ensino, precisa por isso facilitar a aquisição de livros; precisa mesmo dá-los aos que não os possam comprar e aos que relutem em adquiri-los.

Mas claro está que nesta série de livros não se procura somente a exigüidade do custo; com igual cuidado procura-se também que nela, tanto no assunto como na feitura material, sejam observadas as lições da pedagogia, de modo que, ainda sob êste aspeto de importância capital, não sejam os presentes livros inferiores aos seus congêneres.

Serão, por isso, recebidas com muito agrado todas as observações que os srs. professores públicos ou particulares a respeito dos mesmos queiram fazer, convindo mesmo frisar que esta edição, devido ao curto espaço de tempo em que foi organizada, e devido também à atual carestia do papel, é uma tiragem de ensaio, já calculada para se esgotar no corrente ano letivo.

Isso é mais uma razão para que os que lidam no ensino se dignem mandar-me suas indicações, que serão acolhidas como assinalado favor.

Florianópolis, janeiro de 1920.

Henrique Fontes

Diretor da Instrução Pública



Menino, olha em redor de ti: tudo trabalha, tudo convida ao trabalho.

Os homens trabalham. Uns são lavradores, outros ferreiros, outros carpinteiros, sapateiros, negociantes, médicos, professores, soldados. E em muitos outros serviços se ocupam os homens.

Os animais também trabalham.

Todos êles, grandes e pequenos, se occupam em alguma coisa.

— Vê como a abelha e a formiga trabalham sem descansar !

As plantas também trabalham e nos dão comida, roupa, casa, fogo e muitas outras coisas,

O Sol, o vento, o mar, os rios e as nuvens também trabalham.

Trabalha também tu, meu menino !

Só pelo trabalho poderás aprender, só pelo trabalho te prepararás para ser um homem útil.

2. O MACACO INTROMETIDO

Um macaco via sempre seu dono barbear-se.

Êle queria fazer o mesmo, mas o dono tinha sempre o cuidado de guardar a navalha.

Um dia, porém, esqueceu-se o homem de a guardar.

O nosso macaco aproveitou então a ocasião para fazer a barba.

Mas, de repente, deu um grande talho no focinho.

Largou a navalha e fugiu guinchando de dor.

Ninguém deve meter-se a fazer aquilo de que não entende.



*Meu coração é um jardimzinho
Onde a alegria se aninhou,
Sempre a pulsar leve e mansinho,
Onde me leva, alegre vou.*

*Meu coração é um jardimzinho
Em que florecem sonhos bons!
Perfuma o ar, coraçãozinho,
Ditunde os teus preciosos dons!*

Zalina Rolim de Toledo

4. Pergunta inocente



Joãozinho estava chorando amargamente.

Seu tio Joaquim procurava calá-lo. Disse-lhe então:

— Deixa de chorar, Joãozinho, porque as crianças que choram muito ficam depois sendo homens muito feios.

Joãozinho cessou de chorar por um instante, olhou bem para o tio, que era muito feio, e perguntou-lhe:

— Tio Joaquim, o senhor chorou muito quando era pequeno?



Minha querida Mãe.

Dê-me a sua bênção.

Eu estou muito contente, porque já sei ler e também vou escrevendo.

Já acabei a Cartilha.

Estou agora no primeiro Livro.

Vou-me esforçar para aprender a ler muito bem.

Então poderei aproveitar os lindos livros que Papai tem e poderei também ler os jornais.

Minha boa Mãezinha, dê muitas saudades a Papai e aos meus queridos irmãos.

À Senhora, a Papai e a êles peço que Deus dê muita saúde.

Creia, minha boa Mãe, que nunca, nunca se esquece da Senhora o seu filho, que lhe beija as mãos,

Vitor

6. O importuno

I

Fernando tinha cinco anos.

Um dia estava êle muito impaciente. Andava na sala, de um lado para outro, a perseguir alguma coisa.

— Por que estás tão inquieto?
— perguntou-lhe sua mãe.

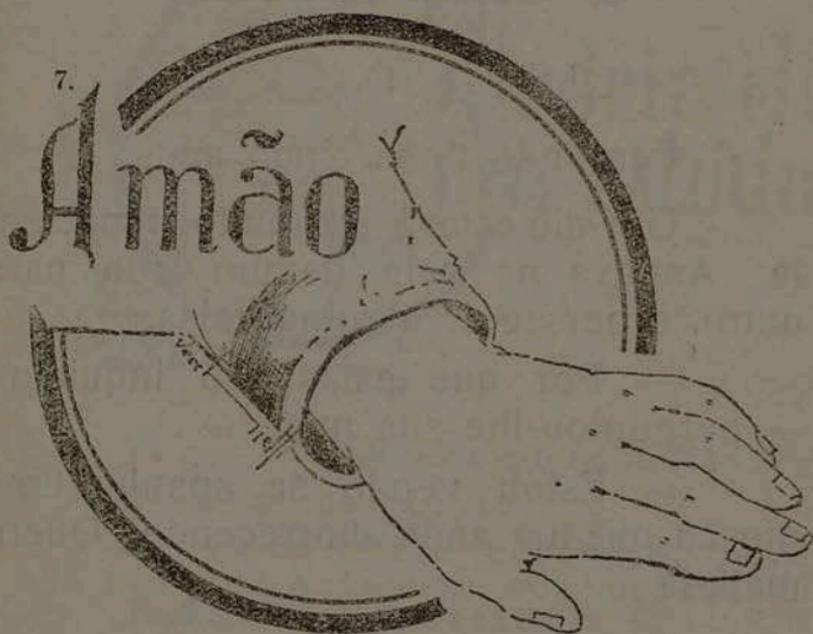
— Estou vendo se apanho uma mosca que me anda aborrecendo. Quero matá-la.

II

No dia seguinte, a mãe de Fernando estava escrevendo uma carta e o menino andava a rodeá-la, pedindo-lhe uma coisa e outra.

— Meu filho, — disse-lhe ela por fim, — tu estás fazendo como a mosca de ontem.

O menino compreendeu que sua mãe tinha razão e não a incomodou mais.



*Cada mão tem cinco dedos :
Médio, índice, anular,
O menor chama-se mínimo,
O mais grosso polegar.*

Hilário Ribeiro



Zacarias é muito medroso.

Se ronca trovoadas, esconde-se logo
debaixo de um cobertor.

Um gato a miar causa-lhe grande
susto.

Se, por acaso, vê um sapo, faz
mais barulho do que se visse um leão.

Não tem coragem de mexer numa
caixa ou numa gaveta onde haja uma
barata.

De noite, não é capaz, de ficar sô-
zinho no quarto, nem há meio de o fazer
entrar num quarto sem luz.

Quando se deita, trata logo de esconder a cabeça debaixo das cobertas, mesmo com perigo de ficar sufocado.

Por toda a parte julga ver bichos e fantasmas.

E' muito ridículo ser medroso.

9. Bom provérbio

Bom provérbio, bom ditado

Aquele de Salomão:

Antes pobre, mas honrado,

Do que rico, mas ladrão.

10. Duas boas irmãs

Célia está doente.

Há oito dias que está de cama.

Sua mãe não lhe abandona a cabeceira, procurando aliviá-la e distraí-la.

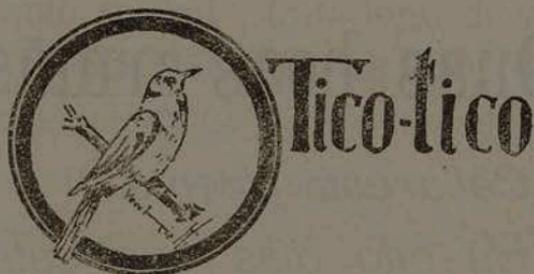
Sua irmã Aurélia também constantemente lhe faz companhia.

Durante êsses oito dias só tem saído para ir à escola.

Logo que volta, vai para o quarto da irmãzinha, para a servir e lhe dar coragem.

Assim é que se devem estimar e ajudar as boas irmãs.

11.



*Tico-tico vem ao jardim
 Onde, contente,
 Constantemente,
 Brinca sem ter medo de mim...*

*Tico-tico... tu és gentil...
 Tão pequenino,
 Tão vivo e fino,
 Tens singular graça infantil.*

*Tico-tico, quero-te bem,
 Não te ameaço,
 Mal não te faço,
 Ah! quem me dera voar também!*

Afonso Celso

12. A colmeia

— Quero ver, — dizia Gervásio, — se é verdade que as abelhas fazem mel e cera.

E com uma vara comprida começou a remexer numa colmeia.

Mas, para que fez isso!

As abelhas, furiosas, saíram do seu cortiço e atiraram-se contra o menino imprudente.

Gervásio fugiu à disparada, mas não se pôde livrar das abelhas e chegou a casa inchado no rosto e nas mãos, devido às ferroadas das abelhas.

Não podendo suportar a dor, teve de ir para a cama e durante alguns dias sentiu as conseqüências de sua imprudência.

À sua custa aprendeu Gervásio a não incomodar os animais e a aceitar as lições da experiência dos outros.



Da mão à boca se perde
muitas vezes a sopa.

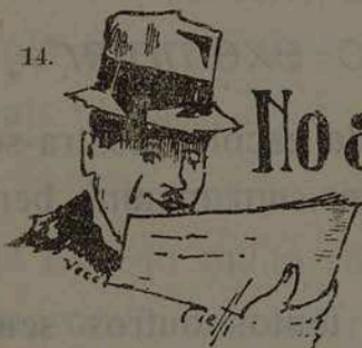
Quem muito dorme, pouco
aprende.

Gato escaldado de água fria
tem medo.

De pequenino é que se torce
o pepino.

Quem diz o que quer, ouve
o que não quer.

14.



No aniversário de papai

Meu bom e querido Pai.

Venho trazer-lhe meus parabens
pelo seu aniversário.

Peço a Deus que lhe dê muitos
anos de vida e de saúde.

Prometo-lhe ser, daqui em dian-
te, muito bom para o Senhor, para mi-
nha Mãe e meus irmãos.

Com muito respeito, abraça-o e
pede-lhe a benção

seu filho obediente e agradecido

Paulo.

15. *Um menino exemplar*

Xisto, ao sair da escola, mostra-se, como em tudo o mais, um menino bem educado.

Não faz como tantos outros seus colegas que correm pelas ruas aos empurrões, às gargalhadas, provocando as pessoas que passam, não respeitando os velhos, escarnecendo dos pobres e dos aleijados, apedrejando e perseguindo os cães,

Não. Xisto nunca pratica ações tão feias.

Saindo da escola, vai direito para casa, sem parar no caminho para brincar ou para conversar.

Cumprimenta os conhecidos que encontra.

No passeio, cede sempre o lugar junto à parede às senhoras e às pessoas mais idosas.

Em fim, basta olhar para êle na rua e vê-lo muito sério, com os seus livros muito em ordem, para se ficar sabendo que é um menino bem educado.

16. Caridade

À porta de tua casa

Nunca bata o pobre em vão,

Manda Deus que lhe repartas

Do teu teto e do teu pão!

17. **Confiança
em Deus.**



César era um menino muito vivo e engraçadinho.

Tinha só três anos de idade, mas já falava com desembaraço, pronunciando muito claramente todas as palavras.

Era grande amigo de seu pai, com que saía sempre a passear.

Uma tarde em que César e seu pai tinham ido fazer uma visita ao padrinho do menino, formou-se uma grande trovoadá.

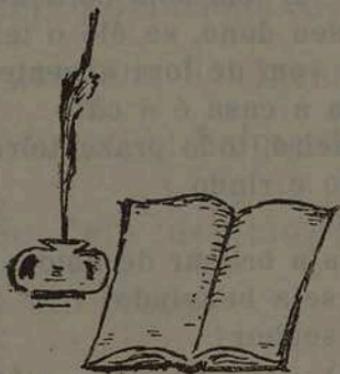
César ficou muito assustado e começou mesmo a chorar, quando os trovões se tornaram mais fortes.

— Ora ! que é isso, meu afilhado ? —
disse-lhe seu padrinho. Um homem não
chora de medo. Tem coragem. Vamos,
dá um viva para espantar o medo.

O pequenino levantou-se então, en-
cheu-se de ânimo e, com toda a fôrça de
sua vózinha, gritou :

— Viva o Papai do Céu !

Foi belo o viva de César :
A graciosa criança
No momento do perigo
Já tinha em Deus confiança.



18.



O cão

Que faz — ão, ão, ão,

E' bom amigo como os que o são!

E' bom amigo, bom companheiro,

E' valente, fiel, verdadeiro,

Leal, serviçal,

E tem bom coração.

Que o diga o seu dono, se êle o tem ou não!

Quando vem de fora a gente,

E chega a casa é o cão

Quem diz primeiro, todo prazenteiro,

Saltando e rindo

Contente,

E com os olhos a brilhar de amor:

— Ora seja benvindo

O meu senhor!

Afonso Lopes Vieira

19. Os meninos brigões

Estêvão e Eugênio eram irmãos, mas brigavam constantemente.

Às vezes, chegavam até a bater-se.

Seus pais tinham grande desgosto com isso, porque os irmãos devem ser os melhores amigos.

Um dia, por causa de um livro que ambos queriam ao mesmo tempo, Eugênio empurrou brutalmente Estêvão.

Estêvão caiu de tão mau jeito que quebrou um braço.

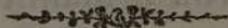
Teve, por isso, de sofrer uma do-

lorosa operação e de andar por muito tempo com o braço ao peito.

Eugênio, que não tinha mau coração, ficou penalizado com a desgraça que causara ao irmão.

Também, daí em diante, os dois irmãos se emendaram.

São agora muito amigos e dão grande prazer a seus pais.



20. A menina e o gatinho



Era uma vez uma menina que estava sentada no jardim.

À porta estava um gatinho realmente lindo.

A menina chamou o gatinho :

— Tareco, Tareco, anda cá, Tareco !

O Tareco veio para junto da menina, brincou com ela, acariciou-a, fazendo : *ron, ron, ron.*

E a menina estava contente a brincar com o Tareco, e também lhe fazia festa.

Nesse momento queriam-se, eram amigos.

Mas a menina fez-se má. Puxou pela cauda do gatinho.

Então o Tareco zangou-se, deixou de fazer *ron, ron*, arranhou a menina e fez *pff! pff!*

Então já não gostavam um do outro, já não eram amigos.

O gatinho não quis brincar mais com a menina, e foi-se embora.

E a menina ficou sòzinha.

Os maus não teem amigos.

M. Pape — Carpentier



21. **Consequências de uma maldade**

Meu caro primo Mário.

Desejo que estejas gozando saúde em companhia de todos os de casa.

O fim desta cartinha é comunicar-te que já estou bom do grande tombo que levei, há quatro semanas, quando subí a uma árvore para tirar um ninho.

Não podes calcular quanto me fez sofrer o braço que partí nessa queda.

Comecei ontem a freqüentar novamente a escola, e já vi quanto me atrasei com as faltas que fui obrigado a dar.

Dá muitas lembranças aos meus bons Tios e aceita um abraço

do teu primo e amigo

José.

O tempo



O ano está dividido em quatro estações, que são: a primavera, o verão, o outono e o inverno.

Cada estação dura três meses.

O ano tem trezentos e sessenta e cinco dias.

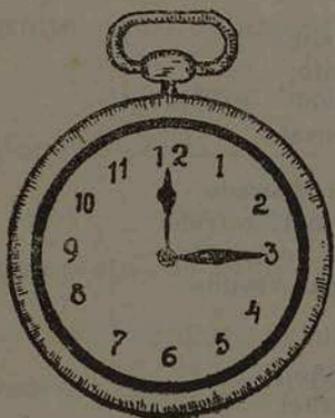
De quatro em quatro anos tem trezentos e sessenta e seis dias.

Chama-se então *ano bissexto*.

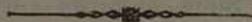
No *ano bissexto* o mês de fevereiro tem vinte e nove dias.

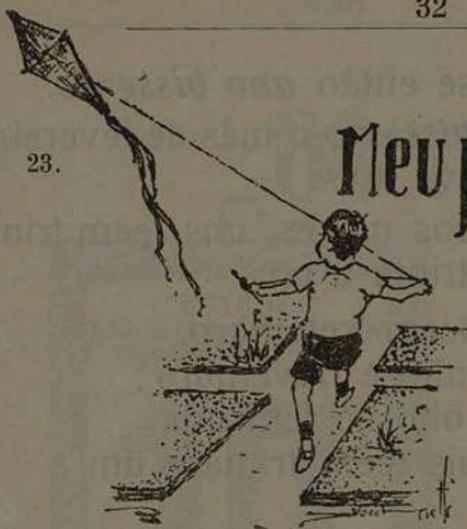
Dos outros meses, uns tem trinta dias e outros trinta e um.

“Trinta tem setembro,
Abril, junho e novembro;
Vinte e oito só tem um,
E os mais tem trinta e um”.



O dia tem vinte e quatro horas; cada hora tem sessenta minutos; cada minuto tem sessenta segundos.





Meu papagaio

Ao sôpro do vento sul
Soltei o meu papagaio,
Que subiu ao céu azul
Logo no primeiro ensaio.

Feito de papel dourado,
É mais lindo, mais garrido
Que o papagaio estimado
De verdes penas vestido.

Papagaio de papel,
Eu posso tê-lo na mão,
Que bico não tem cruel
Para vir ferir-me... não.

Oh! sobe meu papagaio,
Sobe, além da verde serra;
Vai ao Sol pedir um raio,
Para dourar minha terra!

Delminda Silveira

24. O menino generoso

Hermínio era um menino de muito bom coração.

Na aula, perto d'êle, sentava-se um menino muito pobre chamado Inácio.

Hermínio tinha dois lapis, e Inácio não tinha nenhum.

— Hermínio, — pediu Inácio, — você me empresta um lapis?

Hermínio escolheu o melhor de seus dois lapis e deu-o de presente a Inácio.

O professor, que viu o que Hermínio tinha feito, elogiou-o, dizendo:

— Muito bem, Hermínio, assim fazem os meninos generosos.

25. **Boas qualidades e defeitos
das crianças**

O menino *aplicado* ouve tudo o que diz o professor e por isso aprende com facilidade.

O menino *leviano* e *vadio* nunca presta atenção às palavras do professor; cuida mais de observar as moscas do que de estudar as lições; ficará por isso *ignorante*.

O menino *delicado* sabe agradecer às pessoas que lhe fazem algum favor ou lhe dão algum presente; cumprimenta as pessoas mais velhas; é um menino *amável*.

O menino *grosseiro* não agradece os favores que recebe, nem cumprimenta as pessoas de respeito; é um menino *desagradável*.

O menino *serviçal* gosta de ajudar aos outros; o menino *egoísta* cuida só de si.

O menino *discreto* não fala a torto e a direito e sabe guardar segredos.

O menino *agradecido* lembra-se sempre do favor que lhe fizeram e é amigo da pessoa que lhe fez bem.

O menino *ingrato* esquece-se dos benefícios que recebe e não gosta do seu benfeitor.

O menino que chega à escola à hora certa, é *pontual*.

O menino *descuidado* chega sempre atrasado à escola e não prepara as suas lições.

26.



O rato da dispensa

Era uma vez um rato que arranhou a sua casa numa dispensa e vivia muito farto, enchendo-se do bom e do melhor.

Um dia foi dar um passeio ao campo e encontrou um amigo que vivia por ali, mas andava tão magrinho que metia dó.

— Anda daí comigo, verás como engordas depressa.

— Vamos já, sem demora, — respondeu o magrinho.

Chegaram à dispensa e o dono da casa mostrou um buraco ao companheiro, dizendo:

— Entra, que essa é a porta da minha sala.

— Não, é melhor entrares tu, que sabes os cantos da casa.

Mas, quando ia entrando, o gato da casa, que ouviu a conversa e estava à espreita, deu um pulo e apanhou-o nas unhas aguçadas. O magro, que isto viu, tratou de fugir, dizendo lá de longe:

— Não! Mais vale ser magro no matto, do que gordo na barriga do gato.

Ana de Castro Osório

27.



Resposta a uma carta.

Meu estimado José.

Saúde e felicidades.

Fiquei muito satisfeito com a notícia que me enviaste de já estares restabelecido da grande queda que deste outro dia.

Imagino quantas dores sofreste; mas, - deixa-me falar-te com franqueza, - elas foram a consequência do teu mau ato de roubar o ninho dos passarinhos.

Os passarinhos também teem vida, também sentem, também teem amor a seus filhinhos.

Aquí em casa, graças a Deus, todos gozam saúde ; e faço votos para que outro tanto se dê em tua família.

Todos os de casa te mandam muitas lembranças.

Abraça-te com estima

o teu primo e amigo

Mário.

Sr.

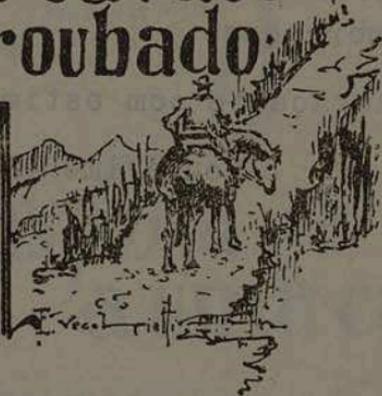
José Pereira dos Santos

Rua dos Carijós

SÃO FRANCISCO

28.

O cavalo roubado.



Roubaram a um lavrador o seu melhor cavalo.

Êle deu queixa à polícia, mas não pôde descobrir o ladrão.

Um dia, porém, quando menos esperava, encontrou o cavalo em frente a uma venda.

Correu logo para o cavalo, segurou-o pelas rédeas e exclamou:

— Êste é o cavalo que há quinze dias me foi roubado!

Um homem que estava na venda prontamente respondeu:

— O senhor está enganado. Êsse cavalo é meu; pode ser que se pareça com o que lhe roubaram, mas é meu.

O lavrador, tapando então os olhos do animal, disse:

— Se o cavalo é seu, diga-me de que olho é êle cego.

O homem, todo confuso e apertado, respondeu:

— Do esquerdo!

— Está enganado, — retrucou o agricultor, — o cavalo não é cego do olho esquerdo.

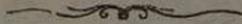
— Ah! é verdade, — disse o outro, — enganei-me. Êsse animal é cego do olho direito.

Descobriu então o lavrador os olhos do animal e exclamou, indignado:

— Agora está claro que o senhor é

mentiroso e ladrão, o cavalo não é cego de nenhum dos olhos.

O lavrador ficou com o cavalo e o ladrão foi para a cadeia.



Quem o alheio veste, na praça o despe.

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

A mentira tem pernas curtas.



29. Ao entrar na aula

Bom dia! Bom dia!

Começa o labor,

Produz alegria

Do estudo o fervor,

Meu mestre, meu guia,

Meu bom professor!

Ninguém de improviso

Consegue saber.

Na vida é preciso,

Lutar, aprender,

Quem fica indeciso

Não pode vencer.

E' vão todo o ensino

Que a Deus não conduz;

Por isso me inclino,

Pedindo que a luz

Do auxílio divino

Me tragas, Jesús!

Afonso Celso

30. Jantar de barbados

O senhor Pereira reuniu um dia em sua mesa numerosos convidados.

Seu filhinho Mário, que tinha cinco anos, veio, como de costume, sentar-se ao pé dele.

Mas seu pai o afastou, dizendo-lhe com brandura:

— Meu filho, hoje só os homens barbados jantam comigo.

O menino retirou-se tristonho e cabisbaixo.

Sua mãe, então, para o consolar, preparou-lhe uma mesinha, onde pôs muitos doces e pastéis.

Quando Mário começou a servir-se, chegou o gato velho da casa, o *Marquês*, que foi colocando as patas sobre a mesa do menino.

Êste, zangado com o atrevimento do animalzinho, bateu-lhe com o garfo na cabeça, dizendo-lhe :

— Tu tens barba, podes ir jantar com papai !

31. Honradez

Norberto, filho de um pobre carvoeiro, chorava amargamente, debaixo de uma árvore.

Um moço rico que andava à caça foi ter casualmente ao mesmo lugar.

Quando viu o menino, perguntou-lhe por que chorava tanto.

Êle lhe respondeu :

— Oh! senhor, há muito tempo que minha mãe se acha doente, e meu pai mandou-me à cidade para comprar remédios. Por infelicidade, perdi no caminho a bolsa e o dinheiro que ela continha. E' isto o que me aflige.

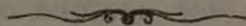
— Será esta? — disse o caçador, fazendo um sinal ao criado que o acompanhava, e apresentou ao menino uma bela maleta cheia de dinheiro.

— Não, senhor. A minha bolsa não tinha tanto dinheiro como essa; tinha pouco valor.

— Será então esta? — replicou o caçador, mostrando-lhe uma bolsa velha.

Oh! é essa sim! — bradou o menino, transportado de alegria; — é ela mesma!

— Meu menino, — disse-lhe o caçador, — eu te faço presente desta outra, com o dinheiro que contém, como recompensa de tua honradez.



32.



O menino chorão

I

Aniceto era um menino chorão.
 Pedia tudo chorando. Obedecia chorando.
 Mal lhe tocavam, chorava.
 Tinha sempre os olhos cheios de lagrimas.

II

Um dia, Aniceto caíu num valo do caminho.
 E lá dentro gritava e chorava.
 Os meninos passavam e diziam:
 — E' o chorão do Aniceto!
 E não faziam caso do choro dêle. E riam-
 -se e iam embora.
 Os homens passavam e diziam:
 — E' o manhoso do Aniceto!
 E não iam ver por que o menino estava
 gritando e chorando.

As mulheres passavam, ouviam o choro e diziam:

— Êste menino nunca deixa de chorar.

E não iam ver o que tinha acontecido ao menino manhoso.

III

Em fim, passou o pai de Aniceto.

Ouvindo os gritos e o choro do filho, correu para onde êle estava, para ver o que lhe tinha acontecido.

E encontrou o pobre menino todo molhado e sujo de lama e pisado.

E, tirando-o do valo, fez-lhe ver que ninguém o tinha socorrido, porque todos o conheciam como chorão e pensavam que êle estava chorando sem razão.

IV

Meus meninos, não choreis nunca sem motivo.

Acostumai-vos a ser corajosos desde pequenos.

Suportai com coragem os trabalhos da vida.

33. Nunca se deve mentir

Brincavam alguns meninos junto à escola, esperando a hora da aula.

Viram que subia pela parede uma lagartixa, e procuraram derrubá-la.

Começaram a atirar pedrinhas. A lagartixa subiu mais, e foi colocar-se em um vidro da janela.

Mas ali mesmo continuaram a perseguí-la, e uma das pedrinhas, atirada por um menino chamado Manuel, bateu em cheio na vidraça, quebrando-a.

Um dos companheiros disse logo ao ouvido de Manuel:

— Cala-te, ninguém te viu: o professor não está ainda aí, não saberá que foste tu.

— Mas, — disse Manuel, — eu seria obrigado a mentir, e ainda ontem nos foi ensinado que a mentira é coisa bem feia. E depois o professor, logo que veja o estrago, procurará conhecer o autor, e outro será, talvez, castigado em meu lugar. Não, não negarei; não quero mentir.

E Manuel, assim que o professor chegou, foi corajosamente contar-lhe o fato.

O professor não o castigou, porque estima muito os meninos que dizem a ver-

dade e que teem a coragem de não encobrir as suas faltas.

Apenas fez uma admoestação geral, por se haverem os meninos entretido a atirar pedras no inofensivo animal.

34. **A verdade e a mentira**

Menino que se acostuma

A detestar a mentira

E não conta coisa alguma

Sem que a verdade profira;

Que, se num triste momento
Foi travesso ou foi peralta,
Não recorre ao fingimento
Para encobrir sua falta;

Merece que se lhe anime
Com louvores a virtude,
Pois a verdade é sublime
E infame é quem ilude.

Os embustes de quem mente
Se descobrem cedo ou tarde;
Por mil histórias que invente,
Sempre se apanha o covarde.

Dr. Carlos Porto Carreiro

35. Más desculpas

Quando Flávio fazia qualquer coisa inconveniente, arranjava sempre alguma desculpa.

— Não, mamãe, — dizia êle um dia, — isto não é direito; eu sou sempre repreendido na escola e Hélio tira sempre boas notas.

— Vamos ver, meu filho: fizeste bem a tua escrita?

— Não a fiz muito bem, mamãe; a letra não estava bem bonita, mas a minha pena não era boa.

— Podias tomar outra pena.

— Sim, mamãe; mas a tinta estava muito grossa.

— Olha, meu filho: teu irmão Hélio escreveu com a mesma tinta, e seu tema estava muito bem escrito.

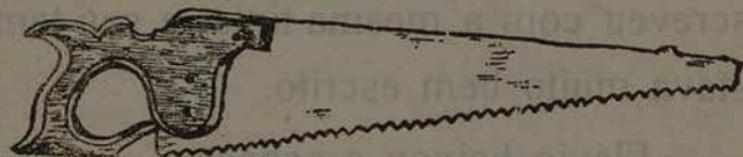
Flávio baixou a cabeça.

— Dize-me, — continuou sua mãe, — não conversaste na aula com o teu vizinho?

— Um pouco, mamãe; mas não foi por culpa minha; foi êle quem falou primeiro.

— Sim; mas ninguém te obrigou a responder. Já vês, meu filho, que teu irmão procurou uma pena boa e boa tinta e não conversou na aula. Tuas desculpas são más. E' justo que teu irmão tenha boas notas e que tu sejas repreendido.

36. O “vai-vem”



O velho Jerônimo era carpinteiro.

Ele tinha sua oficina muito arrumada e trazia as ferramentas sempre muito limpas.

A cada ferramenta dava êle um nome especial. Ao martelo chamava *toc-toc*, ao formão *rompe-ferro*, ao serrote *vai-vem*, à torquês *tira-teimas*.

O velho Jerônimo era muito bom e emprestava suas ferramentas a outras pessoas.

Mas sofria muitos prejuízos com os empréstimos. Muitas vezes as ferramentas demoravam a voltar; outras vezes voltavam estragadas, e às vezes nem tornavam a ser entregues.



O velho resolveu, por isso, parar com os empréstimos.

Um dia, foi à oficina um menino, a mandado do pai, e disse ao nosso carpinteiro:

— Bom dia, sr. Jerônimo; papai manda-lhe muitas lembranças e manda também pedir emprestado o *vai-vem*.

Mestre Jerônimo pôs os óculos no nariz e respondeu:

— Menino, dize a teu pai que, se o *vai-vem* fôsse e viesse, o *vai-vem* ia; mas, como o *vai-vem* vai e não vem, o *vai-vem* não vai.

37.

Ciula, avareza e liberalidade



Artur, Bruno e Carlos eram irmãos, mas tinham pensar muito diferente, como mostra o caso que vou contar.

Um dia, cada um dêles recebeu de presente uma lata de doces.

Artur abriu a sua lata e foi comer os doces às escondidas, para não os repartir com ninguém.

Bruno também não deu de seus doces a ninguém: comeu uma parte e escondeu o resto no fundo do baú, para comer no outro dia.

Carlos, pelo contrário, dividiu os seus doces entre as pessoas de casa, a começar por seu pai e sua mãe.

II

Artur, por ter comido doces demais, teve uma grande indigestão, que o deixou alguns dias de cama.

Bruno, quando no dia seguinte procurou seus doces, não os encontrou, porque os ratos, atraídos pelo cheiro, tinham entrado no baú e comido os doces e ainda lhe tinham roído uma roupa nova.

A Carlos nenhum mal sucedeu, porque tinha sido moderado e franco.

Artur era um menino *guloso*; Bruno era *avarento*; Carlos era *liberal*.

38.

As flores.



Deus ao mundo deu a guerra,
A doença, a morte, as dores;
Mas, para alegrar a terra,
Basta haver-lhe dado as flores.

Umás, creadas com sorte,
Outras, simples e modestas,
Há flores por toda parte :
Nos enterros e nas festas.

Nos jardins, nos cemitérios,
Nos paús e nos pomares;
Sôbre os jazigos funéreos,
Sôbre os berços e os altares.

Reina a flor! pois quis a sorte
Que a flor a tudo presida,
E também enfeite a morte,
Assim como enfeita a vida.

Amai as flores, crianças!
Sois irmãs nos esplendores,
Porque ha muitas semelhanças
Entre as crianças e as flores...

Olavo Bilac



ÍNDICE

| | Página |
|---|--------|
| 1. O trabalho | 5 |
| 2. O macaco intrometido | 7 |
| 3. Canto da manhã | 8 |
| 4. Pergunta inocente | 9 |
| 5. Alegria de um estudante (carta) | 10 |
| 6. O importuno | 11 |
| 7. A mão | 12 |
| 8. O medroso | 13 |
| 9. Bom provérbio | 14 |
| 10. Duas boas irmãs | 15 |
| 11. Tico-tico | 16 |
| 12. A colmeia | 17 |
| 13. Ditados | 18 |
| 14. No aniversário de Papai (carta) | 19 |
| 15. Um menino exemplar | 20 |
| 16. Caridade | 21 |
| 17. Confiança em Deus | 22 |
| 18. O cão | 24 |

ÍNDICE

| | Página |
|--|--------|
| 19. Os meninos brigões | 25 |
| 20. A menina e o gatinho | 27 |
| 21. Conseqüências de uma maldade (carta) | 29 |
| 22. O tempo | 30 |
| 23. Meu papagaio | 32 |
| 24. O menino generoso | 33 |
| 25. Boas qualidades e defeitos das crianças | 34 |
| 26. O rato da dispensa | 36 |
| 27. Resposta a uma carta (carta) | 38 |
| 28. O cavalo roubado | 40 |
| 29. Ao entrar na aula | 43 |
| 30. Jantar de barbados | 44 |
| 31. Honradez | 46 |
| 32. O menino chorão | 48 |
| 33. Nunca se deve mentir | 50 |
| 34. A verdade e a mentira | 52 |
| 35. Más desculpas | 54 |
| 36. O „vai vem“ | 56 |
| 37. Gula, avareza e liberalidade | 58 |
| 38. As flores | 60 |

MAPA DO ESTADO

de

Santa Catarina

Adotado nas escolas públicas do Estado

Escala: 1:800.000

com indicações minuciosas dos limites, das divisas municipais, das cidades, vilas e freguesias, das estradas de ferro e de rodagem, dos rios, — serras, pontes e balsas —

PREÇO:

| | |
|--|-------------|
| Em papel | Cr \$ 8,00 |
| Dobrado e forrado, para viajante | Cr \$ 15,00 |
| Forrados e aparelhado | Cr \$ 20,00 |
| Esquema histórico | Cr \$ 1,00 |

Pedidos à **LIVRARIA CENTRAL**

FLORIANÓPOLIS

Caixa Postal, 131

